
LAUSUS, E LYDIA.

*Lausus equum domitor, debellator-
que ferarum.*

Virg. E. VII. v. 651.

BEm conhecido he o caracter de
Mesencio, Rei de Tyrenne. Máo
Principe e bom pai, terno e cruel
alternativamente; nada tinha de ty-
ranno, nada que annunciasse a vio-
lencia, em quanto se não offerencia
algum obstaculo ás suas vontades;
mas

mas o fozego desta alma soberba era semelhante ao repouso do leão.

Mefencio tinha hum filho chamado Lausus, celebre entre os Heróes moços da Aulonia pelo seu valor, e gentileza, o qual acompanhando a Mefencio na guerra contra o Rei de Preneste, o transportou de alegria, cobrindo-se de sangue, combatendo, e vencendo ao seu lado. O Rei de Preneste expulso dos seus Estados, e buscando a salvação na fugida, deixou nas mãos do vencedor hum thesouro mais precioso que a sua Coroa, huma Princeza na idade, em que o coração apenas tem as virtudes da natureza, e em que a natureza tem todos os encantos da innocencia, e da formosura. Tudo o que as graças afflictas tem nobre, e enternecedor, estava pintado no semblante de Lydia. Pela sua amargura misturada de valor e de grandeza se distinguia a filha do Rei na chusma dos escravos, recebendo os primeiros ob-

se-

sequios dos seus inimigos sem altivez, sem agradecimento, e como huma homenagem devida ao seu caracter, cujo generoso sentimento não enfraquecera na sua alma o infortunio.

Ouvio proferir o nome de seu Pai, e levantando ao Ceo os bellos olhos cheios de lagrimas, se commoverão todos os corações; e o mesfencio attonito se esqueceo do seu orgulho, e da sua idade. A profundidade, que endurece as almas frías, abrandã os corações ativos, e nada existe mais suave, que a alma de hum Heroe depois de alcançar huma victoria.

Se o coração feroz do velho Mesfencio não pôde resistir aos encantos da sua Cativeira, que impressão não farião na virtuosa alma do moço Lausus? Geme das façanhas que obrou, reprehende-se de alcançar a victoria; por esta custar lagrimas a Lydia. Vingue-se ella, dizia-o Principe consigo; aborreça-me quanto eu a amo, pois
bem

bem o mereci. Porém huma idéa ainda mais pezada se lhe apresenta ao espirito ; tendo visto a Mefencio espantado , enternecido , passar de repente do furor á clemencia , julgou bem que esta revolução não procedia só da humanidade ; e o temor de que seu Pai fosse seu rival , acabou de o confundir.

Na idade em que estava Mefencio , o ciume segue de perto o amor. O Tyranno observando os olhos de Lausus com huma attenção inquieta , vio extinguir-se n'hum momento aquelle júbilo , aquelle ardor que ao principio scintillara no semblante do moço Heroe , entaõ vencedor a primeira vez ; e surprendendo vistas , que eraõ faceis de entender , se julgou logo ultrajado ; mas a natureza fallou , e suspendeo-lhe a colera. Hum tyranno , ainda no tempo do seu furor , esforça-se para se julgar justo ; e antes de condemnar seu filho , quiz Mefencio convencello.

Co-

Começou disfarçando-se com tanta arte , que o Principe socegado não vio nos dilvélos do amor senão os efeitos da clemencia. Affectou logo dar a Lydia toda a apparencia da liberdade : porém a Corte do Tyranno estava cheia de espias , e de accusadores ; cortejo ordinário dos homens poderosos , que , não podendo fazer que os amem , põem a grandeza em fazer que os temão.

O Filho não receou mais tributar a Lydia humildes obsequios. Mifurava aos seus sentimentos hum interesse tão delicado , e tão terno , que Lydia começou logo a culpar-se pelo odio , que julgava ter ao sangue do seu inimigo. Pela sua parte , queixou-se Lausus de ter contribuido para as desgraças de Lydia , tomando os Ceos por testemunhas de que obraria tudo para reparallas. ElRei meu Pai , dizia , he tão generoso depois da victoria , como intractavel antes do combate : satisfeito de vencer , não
sa-

sabe opprimir; agora he mais facil que nunca ao Rei de Preneste empenhallo em huma paz gloriosa para hum, e para outro. Esta paz vos enxugará as lagrimas, bella Lydia, porém apagará ella da vossa lembrança o crime daquelles, que as fizeraõ derramar? Que não visse eu correr todo o meu sangue em lugar dessas preciosas lagrimas!

As respostas de Lydia, cheias de modestia, e de grandeza, não mostravaõ a Lausus mais que hum tranquillo agradecimento; mas no fundo do coração era bastantemente sensivel ao cuidado que tinha de a consolar. Algumas vezes se envergonhava de o ter ouvido com complacencia; mas o interesse de seu Pai lhe mandava adquirir hum tal apoio.

Entre tanto as suas conversações mais frequentes se faziaõ tambem mais animadas, mais interessantes, mais intimas, e o amor penetrava insensivelmente a través do respeito, e do
agra-

agradecimento, como huma flor, que para brotar, rompe o ligeiro véo em que está envolvida.

Enganado de mais em mais pela falsa tranquillidade de Mesencio, o crédulo Lausus se lisonjeava de ver em breve conforme a sua inclinação com o seu dever, julgando que nada havia no mundo mais facil que conciliá-los. O tratado de paz, que tinha meditado, reduzia-se a dous artigos: entregar ao Rei de Preneste a sua Coroa, e os seus Estados, e fazer do seu casamento com a Princeza o vinculo das duas Potencias. Communicou a Lydia este projecto, e a confiança que nelle punha, as vantagens que d'elle via nascer, os transportes de alegria que só a idéa d'elle lhe inspiravaõ, surprenderaõ á amavel Cativa hum sorriso misturado de lagrimas; e disse: Generoso Principe, cumpra o Ceo os votos que fazeis por meu Pai: Não me queixarei de ser o penhor da paz, e o preço do
 *agra-

agradecimento. Esta penetrante resposta foi acompanhada de huma visita ainda mais penetrante. O Tyranno foi informado de tudo, e o seu primeiro movimento seria sacrificar o seu rival; mas este filho era o unico apoio da sua Coroa, a unica barreira entre elle, e o seu povo; o mesmo golpe acabava de o fazer odioso aos seus vassallos, e lhe tirava o unico defensor que poderia oppôr ao odio público. O temor he a paixãõ dominante dos Tyrannos. Mesencio toma o partido de dissimular. Manda chamar o filho, falla-lhe com bondade, e ordena-lhe se prepare para partir no seguinte dia para a fronteira dos Estados onde deixára o Exercito: O Principe esforça toda a sua alma para encerrar a sua pena, e parte sem ter tempo de despedir-se de Lydia.)

No mesmo dia da partida de Lausus, fez Mesencio propôr ao Rei de Preneste as condições de huma paz honrosa, a primeira das quaes era o seu

seu casamento com a filha do vencido, sem que o infeliz Monarcha duvidasse em estar por tudo, de sorte que o mesmo enviado para lhe offerer a paz, levou o seu consentimento em resposta.

Lausus tinha na Corte hum Amigo com quem vivia na mais estreita uniaõ deilde a infancia. Huma singular similhaça com o Principe fez a fortuna deste mancebo chamado Fanor; porem ainda se assimilhavaõ mais pelo caracter que pela figura; as mesmas propensões, as mesmas virtudes, Lausus, e Fanor pareciaõ ter huma só alma. Ao partir confiou Lausus a Fanor o seu amor, e a sua desesperaçãõ; e este ficou inconsolavel quando foubes o casamento de Lydia com Mesencio. Julgou que o devia communicar ao Principe. A situaçaõ deste amante sabendo tal noticia não pôde pintar-se; o espirito se lhe perturba, e a razaõ o abandona; e no desvario de huma cega dôr, escreve

a Lydia a carta mais apaixonada, e mais imprudente, que o amor já mais dictou, e Fanor foi encarregado da sua entrega. Se for descoberto perderá a vida. Com effeito o foi, e Mesencio furioso ordenou o carregassem de ferros, e o arrastassem a huma horrorosa prizaõ.

Entre tanto se dispõe tudo para a celebração do funesto hymenêo, sendo de crer que a festa corresponderia ao caracter de Mesencio. A luta, o cesto, os gladiadores, os combates entre os homens, os animaes nutridos em carnagem, tudo o que a barbaridade inventára para seus prazeres, devia ornar-lhe a pompa: só faltavaõ para este sanguinolento espectáculo combatentes contra os animaes ferozes; pois estava em uso não expôr a estes combates senão criminosos condemnados á morte; e Mesencio que se apressava por huma simples suspeita a mandar que perecessem os innocentes, ainda menos re-
tar-

tardava o supplicio dos culpados. Não havia nas prisões mais que o fiel amigo de Lausus. Exponha-o, diz Mesencio, seja preza dos animaes devoradores: o pérfido merece morte ainda mais cruel; mas esta convem mais ao seu crime, e á minha vingança, sendo o seu supplicio huma festa digna do amor ultrajado.

Em vão esperava Lausus a resposta do seu Amigo, e a impaciencia fez lugar ao terror. Seriamos descobertos, diz? Perderia eu o meu Amigo com a minha fatal imprudencia? A mesma Lydia Ah! eu tremo. Não, eu não posso viver mais tempo nesta horrivel incerteza: parte, disfarça-se com cautella; chega; escuta o rumor espalhado entre o povo; sabe que o seu Amigo está em ferros, e que no seguinte dia se deve receber Lydia com Mesencio. Sabe que se prepara a festa, que deve preceder o festejo nupcial, e que, para espectáculo neste festa, se deve ver o

in-

infeliz Fanor lançado aos animaes ferozes. O seu animo se prostra ouvindo isto ; e palha-se-lhe nas véas hum frio mortal ; torna a si desacordado , cahe de joelhos , e exclama : O' Ceos , suspendei-me a mão , pois a minha desesperaçãõ me espanta : morra eu para salvar o meu Amigo , porém morra com a minha virtude. Resoluto a livrar o seu caro Fanor , ainda que fosse necessario perecer em seu lugar , voa ás portas da prizaõ : mas como penetrará por ella ? Procura o escravo encarregado de levar o sustento aos presos , e lhe diz : Abre os olhos , eu sou Lausus , sou o filho do teu Rei. Espero de ti hum importante serviço : Fanor está em ferros , eu quero vello , eu o quero. Para isto não tenho mais que hum meio : dame os teus vestidos : foge ; eis-ahi os penhores do meu agradecimento : retira-te da vingança de meu Pai. Se me fores traidor voas á tua perdiçãõ ; se me serves nesta empreza , te iraõ
bus-

buscar os meus benefícios ao mais occulto deserto.

Este homem tímido, e fraco cede ás promessas, e aos ameaços. Concorre para o disfarce do Principe, e desaparece depois de lhe ter indicado a hora em que se deve apresentar, e o que deve fazer para enganar a vigilancia das guardas. Avizinha-se a noite, chega o instante: apresenta-se Lausus, dá o nome do escravo; e com hum estrondo funebre, se abrem os ferrolhos dos calabouços. A fraca luz de huma lanterna, entra por aquella habitação de horror; adianta-se, escuta; e ferindo-lhe os ouvidos os accentos de huma voz, afflicta, conhece a voz do seu Amigo: vê-o deitado a hum canto da prizaõ, coberto de trapos, consummido de debilidade, com a palidez da morte no rosto, e o fogo da desesperação nos olhos. Deixa-me, lhe diz Fanor, julgando ser o escravo; leva esses soccorros odiosos, deixa-me morrer. Ai!

B

(ac-

(acrescentou elle dando gritos interrompidos de soluços,) ai! o meu caro Lausus he ainda mais desgraçado do que eu. Ó Ceos! se elle toubesse o estado a que está reduzido o seu Amigo! Sim, (exclamou Lausus lançando-se ao seu peito,) sim, meu caro Fanor, elle o sabe, e contigo o sente. Que vejo! (diz Fanor transportado) Ah Lausus! Ah meu Principe! A estas palavras ambos perdem o uso dos sentidos, enlaçaõ-se os seus braços, apertaõ-se os seus corações, confundem-se os seus soluços. Longo tempo mudos, e immoveis, ficão estendidos no pavimento da prizaõ; a pena suffoca-lhes as vozes, e só apertando-se ainda mais estreitamente, e banhando-se com mutuas lagrimas, responde hum ao outro. Lausus em fim tornando aos seus sentidos; não percamos tempo, diz ao Amigo; toma estes vestidos, sahe destes lugares, e deixa-me nelles. Eu, ó Ceos! seria eu tão vil? Ah Lausus! podeste ac-
di-

ditallo? Devieis propôr-mo? Eu conheço-te, disse o Principe, mas tu deves conhecer-me. O decreto está pronunciado, o teu supplicio está prompto, he necessario ou morrer, ou fugir. Fugir? Ouve-me, meu Pai he violento, mas he sensivel, a natureza conserva os seus direitos no seu coração: se eu te livro da morte, só me falta abrandallo a meu respeito, e o seu braço erguido sobre hum filho será facil a desfamar. Elle o descarregaria, exclamou Fanor, e a vossa morte seria crime meu: não, eu não posso deixar-vos. Está bem, tornou Lausus, fica; porém morrendo tu, me verás morrer. Não esperes nada a meu favor da clemencia de meu Pai: por mais que elle me quizesse perdoar; esta mão que formou a tal carta que te condemna; esta mão que te carregou de ferros; esta mão, que depois do teu crime ainda he a do teu Amigo, nos ajuntará contra tua vontade. Em vão quiz Fanor insisir.

Naõ fallemos mais nisso , interrompeo o Principe : nada me podes dizer que chegue a equilibrar a vergonha de sobreviver ao meu Amigo depois de o ter perdido.

As tuas instancias me envergonhaõ , e as tuas supplicas saõ offensas. Eu prometto-te o meu livramento , se fugires ; juro a minha morte , se quizeres perecer. Escolhe , que os momentos nos saõ preciosos.

Fanor conhecia muito bem o seu Amigo para naõ pertender abalar a sua resoluçaõ , e diz-lhe : Consisto em deixar-vos tentar o unico meio de salvaçaõ que nos resta ; mas vivei , se quereis que eu viva : o vosso cadafalço tambem seria meu. Eu assim o espero , disse Lausus , e o teu Amigo estima-te muito para te exhortar a que lhe sobrevivas. Dizendo isto se abraçáraõ , e Fanor sahio dos calabouços com os mesmos vestidos do escravo , que Lausus acabava de largar.

Que

Que noite! Que terrivel noite para Lydia! Ah! como se pintarão os movimentos que se levantaõ na sua alma, que a dividem, que a despedaçãõ entre o amor, e a virtude! Ella adora a Lausus; detesta a Mefencio; sacrifica-se aos interesses de seu Pai: entrega-se ao objecto do seu odio: separa-se para sempre dos votos de hum amante adorado. Arrastã-a ao altar como ao supplicio. Barbaro Mefencio! Para ti he sufficiente reinar sobre hum coração pela violencia, e pelo temor; basta que a tua Esposa trema diante de ti como hum escravo diante de seu senhor. Tal he o amor no coração de hum Tyranno.

Com tudo, ai! para elle he que Lydia ha de viver; com elle he que se vai unir. Se resiste, arruina o seu Amante, e seu Pai: huma repulsa descubrirã o segredo da sua alma, e se chegar a suspeitar-se que Lausus lhe he amavel, está perdido.

Nef-

Nesta cruel agitação he que Lydia espera que amanheça: chega o terrivel dia. Lydia sem accordo, e trémula, vê-se adornada, não como huma esposa, que vai apresentar-se aos altares do hymenêo, e do amor, mas como huma daquellas innocentes victimas, que huma compaixão barbara coroava de flor antes de as sacrificar.

Conduzem-a ao lugar do espectáculo, e os jogos começam. Não me detenho em descrever os combates do cesto, da luta, e do punhal; espera-me objecto mais terrivel.

Apparece hum enorme leão, que correndo a praça lança para o amphitheatro que o cerca, terriveis vistas, annunciando hum murmúo confuso o susto que inspira: o som das trombetas o anima, de sorte que lhe responde com rugidos; eriça-se em roda da monstruosa cabeça a espessa gadelha; e batendo os lados com a cauda, começa o fogo a saltar-lhe dos

in-

incendidos olhos. O povo aterrado, deseja, e teme ver o desgraçado que se vai entregar á raiva do monstro, apoderando-se dos seus espiritos o terror, e a compaixão.

Já se apresenta aquelle combatente, que os Satelites de Mefencio julgáraõ ser Fanor. Lydia o não pôde conhecer. O horror, que a possui, lhe faz retirar os olhos daquelle espectáculo, que offende a sensibilidade da sua alma compassiva. Que seria, ai! se soubesse que Fanor, que o ter-no Amigo de Lausus he o criminoso que se sacrifica! Se soubesse que o mesmo Lausus tomou o lugar do seu Amigo, e que he elle quem vai combater.

Meio nũ, os cabellos esparzidos, caminha com passo intrépido: hum punhal para o ataque, hum escudo para a defenfa são as unicas armas, de que vai coberto. Mefencio prevenido não vê nelle senão o culpado Fanor. O sangue está mudo, a natureza está

cé-

céga; entrega o filho á morte, e não se lhe commovem as entranhas, sufocando-lhe todos os outros sentimentos o resentimento da injuria, e a cede da vingança. Vê com barbara alegria animar-se por grãos o furor do leão. Lausus impaciente assanha o monstro, e o chama ao combate. Caminha para elle, e o leão se lança, mas Lausus o evita. Tres vezes o furioso animal lhe apresenta a escumante guéla, e tres vezes Lausus escapa a seus carniceiros, e devorantes dentes.

Entre tanto chega á noticia de Fanor o que se passa. Corre, rompe pela multidão, e os seus agudos gritos fazem retumbar o anfiteatro. Pára, Mesencio, salva o teu filho; he elle, he Lausus que combate. Mesencio encara, e conhece Fanor, que se arroja para elle. O' Ceos! que vejo! Povo soccorrei-me! Lançai-vos á praça, livrai da morte o meu Filho. Ouvindo o nome de Lausus, cahe Lydia

dia , expirando nos dégrãos do anfitheatro ; esfria-se-lhe o coração , cobrem-se-lhe os olhos de trévas. Mesencio não vê mais que o Filho em hum perigo inevitavel ; em vão se armaõ mil braços em sua defenfa ; o monstro o persegue , e o devorará antes que alguém se chegue a elle. Mas , ó prodigio incrivel ! ó felicidade inesperada ! Lausus furtando o corpo aos saltos do furioso animal , lhe dá hum golpe mortal , sahindo o ferro , de que tem a maõ armada , fumegando do coração do leaõ , que cahe nadando nas ondas de sangue , que vomita pela espumante boca. Converte-se em triumpho o susto universal ; e o povo responde aos dolorosos gritos de Mesencio com gritos de admiracão , e de jubilo. Estes gritos fazem tornar Lydia a si , e abrindo os olhos , vê a Lausus junto de Mesencio com hum punhal ensanguentado na maõ , e pegando com a outra no seu caro , e fiel Fanor. Eu sou , diz elle a seu
Pai ,

Pai, eu sou o culpado. O crime de Fanor era meu, e a mim tocava especiallo. Obriguei-o a ceder-me o seu lugar; e eu morreria se elle me resistisse. Se respiro ainda, a elle o devo; e se ainda amais o vosso Filho, a elle o deveis: porém se a vossa vingança não está serenada, as nossas vidas estão nas vossas mãos: descarregai, e pereceremos juntos, pois assim o juráraõ os nossos corações. Lydia tremendo ao ouvir este discurso, encarava em Mesencio com olhos supplicantes cheios de lagrimas, não podendo a crueldade do Tyranno resistir a huma tal scena. O grito da natureza, e a voz dos remorsos fazendo que no seu coração se calem o ciume, e a vingança, fica muito tempo immovel, e mudo, lançando alternativamente pelos objectos que o rodêaõ, vistas perturbadas, e confusas, nas quaes se combatem, e se succedem o amor e o odio a indignação, e a compaixão. Tudo treme

á roda do Tyranno. Lausus , Fanor , Lydia , hum povo innumeravel esperaõ com terror as primeiras palavras , que elle vai pronunciar ; mas elle cede em fim a seu pezar á virtude , cuja soberania o opprime ; e passando de repente com huma impetuosa violencia do furor á ternura , se lança nos braços do Filho , e diz-lhe : Sim , eu te perdou-o , e perdou-o tambem ao teu Amigo. Vivei , amai-vos hum ao outro : porém ainda me resta hum sacrificio que fazer-te , do qual acabás de fazer-te digno. Recebe-a , diz elle com hum novo esforço , recebe aquella mão , cujo presente estimas mais que a vida : o teu valor he quem ma tira , pois só elle poderia obtella.

F I M.